

COLEÇÃO
Berggasse
19

**NEBULOSA
MARGINAL:
TEORIA E CLÍNICA**

Sergio Gomes
Rosa Lúcia Paiva
(orgs.)

Quando tomamos conhecimento de um vírus que acarretava graves infecções no corpo, podendo causar a morte de milhões de pessoas, jamais imaginamos que um vírus surgido em Wuhan, província de Hubei, República Popular da China, chegasse até nós e se disseminasse pelo mundo. O Coronavírus 19, logo denominado de Covid-19, estarreceu a todos, levando ao isolamento da população mundial para resguardar a vida, única medida defendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e por médicos, infectologistas e cientistas. Em abril de 2020, quando sofremos o primeiro impacto da pandemia no Brasil, o recém-criado *Instituto Nebulosa Marginal* promoveu uma série de cursos remotos (*on-line*), com vistas à divulgação da psicanálise e de outras áreas do saber para atender às necessidades das pessoas em isolamento.

O livro que o leitor tem em mãos é um esforço coletivo desenvolvido ao longo dos primeiros nove meses da pandemia, por meio de cursos e eventos realizados no ano de 2020. A partir disto, chamamos alguns pesquisadores(as) e psicanalistas para colaborarem com um capítulo, resumindo o que foi visto em cada um dos eventos promovidos. Os que puderam atender ao nosso chamado, apresentam ao leitor um texto potente, político e comprometido com o sentido de vitalidade da resistência.

**NEBULOSA
MARGINAL:
TEORIA E CLÍNICA**

Sergio Gomes
Rosa Lúcia Paiva
(orgs.)

NEBULOSA MARGINAL: TEORIA E CLÍNICA

Sergio Gomes
Rosa Lúcia Paiva
(orgs.)



INM Editora

“Olhem de novo para o ponto. É ali. É a nossa casa. Somos nós. Nesse ponto, todos aqueles que amamos, que conhecemos, de quem já ouvimos falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram as suas vidas. Toda a nossa mistura de alegria e sofrimento, todas as inúmeras religiões, ideologias e doutrinas econômicas, todos os caçadores e saqueadores, heróis e covardes, criadores e destruidores de civilizações, reis e camponeses, jovens e casais apaixonados, pais e mães, todas as crianças, todos os inventores e exploradores, professores de moral, políticos corruptos, “superastros”, “líderes supremos”, todos os santos e pecadores da história de nossa espécie, ali – num grão de poeira suspenso num raio de sol.

A Terra é um palco muito pequeno em uma imensa área cósmica. (...) O nosso planeta é um pontinho solitário na grande escuridão cósmica circundante. (...) Talvez não exista melhor comprovação da loucura das vaidades humanas do que essa distante imagem de nosso mundo minúsculo. Para mim, ela sublinha a responsabilidade de nos relacionarmos mais bondosamente uns com os outros e de preservarmos e amarmos o pálido ponto azul, o único lar que conhecemos.” (Carl Segan, Pálido Ponto Azul)

**A TODAS AS PESSOAS QUE NOS DEIXARAM E A TODOS
OS QUE SOBREVIVERAM À PANDEMIA DO COVID-19.**

SUMÁRIO

13 APRESENTAÇÃO

25 SOBRE OS AUTORES

33 I PARTE: TEORIA

34 Os desenvolvimentos de Sándor Ferenczi e Elizabeth Severn: quanto ao uso do princípio de concessão/laissez-faire
Bartholomeu de Aguiar Vieira

46 Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?
Berenice Bento

62 Condições do processo de simbolização na psicanálise contemporânea
Daniel Schor

73 A violência dos papéis
Eugênio Canesin Dal Molin

83 Três aspectos de eros em Silvia Bleichmar
Gisele Senne de Moraes

97 Notas sobre o desaparecimento, a manutenção e o ressurgimento do legado de ideias de Sándor Ferenczi – uma introdução
Gustavo Dean-Gomes

109 Memória Corporal e Transferência na Psicanálise do Sensível
Ivanise Fontes

117 A construção do conceito de pulsão de morte: o esquecimento de Sabina Spielrein
Renata Udler Cromberg

- 149 Trauma e Fragmentação Psíquica em Sándor Ferenczi
Sergio Gomes
- 176 Introdução à Esquizoanálise: um breve percurso por alguns conceitos e ideias de Deleuze e Guattari
Tarso Ferrari Trindade
- 192 Rupturas e continuidades: uma discussão sobre a vida, a obra e o legado do psicanalista Ronald Fairbairn
Teo Weingrill Araujo
- 214 Negação da gravidez: o abandono uterino e a identificação com o agressor
Thomás Gomes Gonçalves
Rita de Cássia Sobreira Lopes

229 II PARTE: CLÍNICA

- 230 Uma introdução ao pensamento de Antonino Ferro na clínica com crianças e adultos
Bruna Paola Zerbinatti
- 244 O paradoxo da construção do vínculo na clínica dos casos-limite
Cristiana Regina Ferreira de Aguiar Pondé
- 265 Para uma abertura ao pensamento clínico de Harold Searles: chaves de leitura e compreensão
Douglas Rodrigo Pereira
- 278 A Vitalização como parte da Função Analítica
Fátima Flório Cesar
- 294 Michael Balint e a Clínica da Falha Básica
Ludmilla Tassano Pitrowsky

- 306 A virtualidade do dispositivo de trabalho psicanalítico e o atendimento remoto: uma reflexão em três partes
Luís Claudio Figueiredo
- 331 Pulsão e o tempo: a transferência nos destinos da clínica
Maicon Cunha
- 348 Satisfação garantida ou sua vida de volta
Neyza Prochet
- 361 Winnicott sobe a favela: Uma psicanálise extramuros
Rosa Lúcia Paiva
- 385 Introdução ao manejo clínico usando “Análise do Caráter”
Ricardo Sibanto Simões
- 399 Clínica com bebês e seus pais: do que se trata?
Solange Frid Patricio
- 411 A clínica de adolescentes
Sueli Hisada
- 419 Rumo a um pensamento clínico complexo: o narcisismo na obra de André Green
Thais Klein

APRESENTAÇÃO

Wuhan, província de Hubei, República Popular da China, dezembro de 2019. Foi assim que vimos surgir um novo tipo de coronavírus, que acarretava graves infecções no corpo, podendo ocasionar problemas pulmonares, cardiológicos, neurológicos ou a própria morte do sujeito infectado. O Coronavírus 19, logo denominado de Covid-19, estremeceu a todos, levando ao isolamento da população para resguardar a vida, única medida defendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e por médicos, infectologistas e cientistas.

A pandemia surgiu no Brasil no final de fevereiro de 2020, após as festividades do carnaval, provocando o temor da população por uma doença ainda desconhecida e mortal. Nos primeiros meses, as autoridades passaram a defender o isolamento social até que houvesse uma vacina que pudesse dar maior esperança, muito embora o governo federal se omitisse quanto à gravidade da doença, negando os mecanismos biopolíticos para resguardar a vida humana. Foi assim que vimos as inúmeras valas abertas em Manaus, Amazonas, para enterrar coletivamente as pessoas mortas pela pandemia, ou o caos provocado pela falta de oxigênio nos hospitais. Vimos, também, o colapso do Sistema Único de Saúde (SUS) e dos profissionais envolvidos no tratamento hospitalar de pessoas infectadas e as diversas variantes do vírus levarem embora nossos familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos. No Brasil, até o final de março de 2022, mais de 660 mil pessoas haviam morrido vítimas da Covid-19 e mais de 30 milhões de pessoas haviam sido infectadas.

Em abril de 2020, quando sofremos o primeiro impacto da pandemia em nossas vidas, o recém-criado Instituto Nebulosa Marginal resolveu promover uma série de cursos remotos (*on-line*), com vistas à divulgação da psicanálise e de outras áreas do saber, principalmente na área de ciências humanas, como também

efetuar doações em espécie pelo pagamento dos cursos *on-line*. Também agradecemos às instituições que promoviam o cuidado da população empobrecida e vulnerável, vitimada pela Covid-19, as quais pudemos auxiliar. Além disso, em abril do mesmo ano, desenvolvemos o “*Projeto Covid-19*”, realizando atendimento psicológico remoto e gratuito para as pessoas vitimadas pela pandemia e pelo isolamento social, através de um pequeno grupo de psicanalistas e psicólogos que se comprometeram e somaram forças para participar dessa cooperação clínica e solidária. Esse projeto foi concluído em dezembro de 2020 e foi coordenado pelas psicanalistas Rosa Lúcia Paiva e Claudia Amoedo. Em suma, até dezembro de 2020, realizamos 58 cursos de curta duração, dois grupos de estudos, uma palestra e uma peça de teatro com, ao menos, duas temporadas. De todos os eventos, tivemos 1895 participantes. Do total arrecadado ao longo do ano, além do pagamento dos docentes e profissionais que participaram dessas atividades, efetuamos doações a seis instituições que cuidavam de pessoas em vulnerabilidade social decorrente da pandemia de Covid-19. O total arrecadado dos ingressos da peça de teatro foi totalmente doado para a produção do espetáculo.

O Instituto Nebulosa Marginal nasceu do nosso desejo de congregiar pessoas que pudessem estudar autores oriundos da Escola Húngara e da Escola Inglesa de Psicanálise, alguns dos quais poucos conhecidos no meio psicanalítico, mas não restritos a essas escolas.

Na contemporaneidade, a clínica psicanalítica se tornou pluralista e cada vez mais preocupada com a relação transferencial e contratransferencial, com a transmissão psíquica intergeracional, a corporeidade do paciente e do analista, as *reveries*, as identificações projetivas, o *enactment*, ao invés das estruturas que encarceravam o sujeito numa prisão identitária. A psicanálise hoje se propõe a rever seus próprios conceitos, apesar de mantermos

a tradição construída por Freud, propondo uma psicanálise mais implicada em termos clínicos.

Os autores pós-freudianos, principalmente aqueles oriundos da Escola Húngara e da Escola Inglesa, tornaram-se pontes para um pensamento cada vez mais proximal de um ser humano inserido em diferentes contextos de vida, acrescentando à psicanálise um fator multidimensional, corporal e intersubjetivo. Foi a partir desse olhar que pensamos iniciar uma série de encontros, que tinham como proposta inicial o estudo, a pesquisa e, principalmente, as trocas fecundas a partir do que Luis Cláudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Júnior (2018) chamaram de psicanálise transmatricial, que mantinha um diálogo com alguns autores considerados marginais, porém com teorias e conceitos seminais relevantes para a compreensão do sujeito contemporâneo. Tomamos como ponto de partida, as proposições clínicas de Sándor Ferenczi e os principais representantes do *Middle Group* da Escola Inglesa de Psicanálise, mas também chamaram nossa atenção as contribuições de autores contemporâneos, como André Green, Thomas H. Ogden, René Roussillon, Anne Alvarez, Didier Anzieu, Antonino Ferro, Harold Searles, Pierre Fédida, entre outros.

Foi quando o nome "Nebulosa Marginal" surgiu como uma síntese da nossa identidade, a partir da leitura de *Géographie du champ psychanalytique* de Paul Bercherie (1988). Nesse livro, Bercherie fez um mapeamento do desenvolvimento psicanalítico, dividindo o pensamento pós-freudiano em quatro vertentes teórico-clínicas: as duas primeiras, as chamadas Psicologia do Ego e a corrente kleiniana, foram denominadas de psicanálise ortodoxa; a psicanálise lacaniana foi a terceira vertente e, por fim, um quarto grupo, classificado de psicanálise heterodoxa, foi denominado pelo psicanalista Michael Balint de "a nebulosa marginal". Para Bercherie, este foi o resultado de uma análise conceitual e epistemológica, no qual reunia personalidades em função de afinidades

que estão presentes em seu pensamento e em sua prática, sem que eles constituam um “vínculo social”. Para os autores deste grupo, há uma revitalização do interesse pela percepção, da presença dos aspectos perceptivos na constituição da subjetividade e da intensidade do vínculo transferencial-contratransferencial.

Entre as marcas da “nebulosa marginal” estão a preocupação em aprofundar a eficácia terapêutica da psicanálise e a busca por estender seu campo de atuação. Os analistas deste grupo procuravam garantir uma maior elasticidade da técnica psicanalítica, mesmo que isto implicasse em transgredir as regras da técnica freudiana, através da tentativa de fazer com que o analista se deixasse guiar pelo paciente, favorecendo o processo espontâneo que se estabelece no próprio trabalho terapêutico (COELHO JÚNIOR, 1999). Desse modo, a escuta do analista passa a ser menos neutra para ser mais participativa, deixa de ser menos passiva e passa a ser mais ativa, ressaltando a sua presença, implicação e reserva (FIGUEIREDO, 2008). A contratransferência já não é mais uma dimensão perigosa a ser domada, mas um valioso guia e o verdadeiro elemento condutor do processo terapêutico, aliás, como sempre foi. A ênfase na dialética entre o plano intrassubjetivo e o interrelacional é outra marca fundamental do grupo. A importância dada aos objetos na constituição da subjetividade implica também numa concepção bastante transformada do papel real dos pais na vida psíquica e emocional da criança e do lugar do analista (agora, necessariamente mais “ativo”) no processo terapêutico.

Assim, o nome “Nebulosa Marginal” é oportuno, uma vez que é característica das nebulosas se reunirem para formar novos astros, estrelas, asteroides e planetas, ou seja, formar novos sistemas; e marginal diz respeito à própria história da clínica psicanalítica, entre idas e vindas, a partir do momento em que alguns autores foram considerados à margem da psicanálise freudiana, kleiniana e lacaniana.

O livro que o leitor tem em mãos é um esforço coletivo desenvolvido ao longo dos primeiros nove meses sob o impacto do Covid-19 através de cursos e eventos ao longo do ano de 2020. A partir disto, convidamos professores e psicanalistas para colaborarem com um artigo que resumisse o que foi visto em cada um dos cursos e palestras; porém, nem todos puderam contribuir para esta coletânea. Dividimos o livro em duas seções: uma parte destinada às teorias e uma segunda parte dedicada à clínica.

No primeiro capítulo, Bartholomeu de Aguiar Vieira apresenta o pensamento de Sándor Ferenczi e Elizabeth Severn no que se refere ao princípio de concessão/*laissez-faire* por ele formulado. O autor vai buscar nos conceitos de traumatogênese e desmentido ferenczianos as origens do adoecimento traumático e um convite ao relaxamento para conceder uma existência real ao sofrimento psíquico do paciente.

O segundo capítulo trata de uma palestra da socióloga Berenice Bento, realizada em comemoração ao Dia da Consciência Negra, a partir do conceito de *necrobiopoder*. Neste artigo, a autora discute a questão do racismo a partir do conceito de biopoder de Michael Foucault, soberania de Giorgio Agamben e necropoder de Achille Mbembe. Assim, os conceitos de necropoder e biopoder, reunidos em *necrobiopoder*, são termos indissociáveis para repensar a relação do Estado com os grupos humanos que habitam o Estado-nação.

No capítulo três, temos o trabalho de Daniel Schor, no qual aborda as condições do processo de simbolização na psicanálise. Para ele, a simbolização deve ser pensada como um processo de transformação pelo qual as experiências precisam passar para serem apropriadas pelo psiquismo, ou seja, simbolizar significa, antes de tudo, transformar e converter as experiências para uma condição que o psiquismo seja capaz de assimilar.

No capítulo quatro, Eugênio Canesin Dal Molin traça um recorte sobre a violência na clínica psicanalítica. O autor explora a

questão da violência, particularmente a violência sexual, a partir de uma cartografia do trauma, indo buscar nas teorias ferenczianas, o referente para a compreensão do abuso, do agressor e da violência psíquica.

No capítulo cinco, Gisele Senne de Moraes nos apresenta as contribuições de Silvia Bleichmar a partir de três aspectos específicos sobre o eros: o aspecto erógeno, o aspecto amoroso e o amor como circulação entre o par mãe-bebê, articulando as teorias da psicanalista argentina com as do psicanalista francês Jean Laplanche.

No capítulo seis, Gustavo Dean-Gomes faz uma incursão sobre o desaparecimento, a manutenção e o ressurgimento das ideias do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi no pensamento psicanalítico contemporâneo, apresentando as publicações originais que passaram a emergir nas últimas três décadas.

No capítulo sete, Ivanise Fontes nos apresenta um resumo comentado sobre memória corporal e transferência a partir do que ela denominou de "*psicanálise do sensível*", tema importante e ainda atual, sobretudo para as psicopatologias na clínica contemporânea.

No capítulo oito, Renata Udler Cromberg analisa a construção do conceito de pulsão de morte a partir do apagamento, na história da psicanálise, das contribuições teóricas de Sabina Spielrein. Como sabemos, Spielrein é citada apenas numa nota de rodapé no texto freudiano *Além do princípio do prazer*. Renata nos mostra como a ideia de uma energia ou uma pulsão de morte já estavam presentes nos textos de Sabina Spielrein, e foi ela quem indicou a Freud o caminho que deveria seguir para a construção do dualismo pulsional.

No capítulo nove, Sergio Gomes apresenta a teoria do trauma e da fragmentação psíquica nos escritos de Sándor Ferenczi. A partir da trajetória do autor húngaro e da influência da Escola Húngara de Psicanálise, enfatiza o quanto os tempos do trauma

são determinantes para a fragmentação psíquica, mas ainda resta uma esperança de sobrevivência defendida por Ferenczi a partir do conceito de "*Orpha*".

No capítulo dez, Tarso Ferrari Trindade faz uma breve introdução ao conceito de esquizoanálise a partir das ideias de Deleuze e Guattari, analisando textos seminais dos autores franceses.

No capítulo seguinte, Teo Araújo faz uma incursão na vida, na obra e no legado do psicanalista escocês Ronald Fairbairn, um dos principais representantes da teoria das relações objetais. Conforme sabemos, Fairbairn propôs a compreensão da estrutura de personalidade a partir de resposta às falhas inevitáveis dos objetos primordiais durante a primeira infância da criança, assim como a compreensão de que a personalidade se funda sob bases esquizoides.

Encerrando a primeira parte do livro, no capítulo doze, Thomás Gomes Gonçalves e Rita de Cássia Sobreira Lopes apresentam um estudo sobre o abandono uterino e a negação da gravidez por parte de algumas mulheres, articulando essa experiência traumática com a identificação com o agressor a partir da traumatogênese ferencziana.

Na segunda parte do livro, os capítulos vão tratar de aspectos sobre a clínica psicanalítica propriamente dita. No capítulo treze, Bruna Paola Zerbinatti analisa o pensamento de Antonino Ferro na clínica psicanalítica com crianças e adultos. Ferro é psiquiatra e psicanalista de crianças, adolescentes e adultos e sua formação tem forte influência de Bion, Klein, Winnicott, Meltzer, Rosenfeld e do casal Baranger.

No capítulo quatorze, Cristiana Pondé investiga a construção do vínculo na clínica dos pacientes difíceis, os quais revivem experiências arcaicas no âmbito da relação transferencial-contratransferencial, com a esperança inconsciente de superação das falhas básicas, de estados agônicos e de cicatrização psíquica.

No capítulo quinze, Douglas Rodrigo Pereira apresenta um resumo conceitual do psiquiatra e psicanalista norte-americano Harold Searles, a partir da sua clínica com pacientes psicóticos. Neste capítulo, o autor enfatiza a teoria clínica de Searles a partir de uma fenomenologia da transferência-contratransferência, além de algumas chaves de leituras, a saber, o foco dos fenômenos de indiferenciação eu/outro e a coexistência e articulação da dimensão transferencial-contratransferencial entre a dupla e ao próprio analista.

No capítulo dezesseis, Fátima Flório César vai analisar o conceito de vitalização como parte da função analítica, sobretudo nos casos difíceis. Para a autora, o reconhecimento da gravidade e radicalidade dos adoecimentos psíquicos nestes pacientes a conduziu a uma maior compreensão sobre os processos de desvitalização e estados agônicos de morte fenomênica e ameaça de aniquilação com os aspectos mortos do psiquismo. Para tanto, ela vai procurar apoio em teóricos contemporâneos como Anne Alvarez, Thomas H. Ogden, Cristhopher Bollas, René Roussillon, entre outros.

No capítulo seguinte, Ludmilla Pitrowsky analisa a clínica da falha básica a partir das contribuições de um dos maiores herdeiros do pensamento ferencziano: Michael Balint. Segundo a autora, o nível da falha básica proposta por Balint é uma compreensão clínica obtida nos atendimentos de pacientes graves, regredidos e muito dependentes do vínculo analítico. Para tanto, os analistas precisam diferenciar o paciente que se encontra no nível regressivo e a busca da mudança da atmosfera mediante o enquadre clínico no encontro com cada paciente até chegar a um novo começo (*the new beginning*).

No capítulo dezoito, temos as articulações clínicas de Luis Cláudio Figueiredo no que se refere ao entendimento psicanalítico remoto a partir do evento da pandemia de Covid-19. O autor

elabora sua reflexão em tempos distintos: a elasticidade da técnica, o enquadre interior do analista, o estojo protetor nos processos de atendimento remoto e a sustentação da virtualidade, pelo analisando, nos atendimentos remotos (condição de possibilidade analítica do paciente ou análise modificada).

No capítulo dezenove, Maicon Cunha apresenta uma análise sobre o conceito de pulsão na psicanálise. O autor vai explorar os diversos modos pelos quais a pulsão surge na dimensão transferencial, inscritos nas mudanças sócio-históricas a que o último século esteve submetido, partindo da cartografia de um olhar sobre a clínica e sobre o sujeito na atualidade.

No capítulo vinte, Neyza Prochet apresenta-nos um caso clínico. Sustentada nas teorias de Donald W. Winnicott, a autora articula as falhas da parentalidade no adoecimento psíquico de uma criança, afirmando que não cabe aos pais se apropriarem da responsabilidade pela felicidade ou sucesso dos seus filhos, mas sim oferecer um ambiente confiável e não invasivo para acolher as potencialidades das crianças em desenvolvimento.

No capítulo vinte e um, Rosa Lúcia Paiva apresenta-nos suas considerações acerca de uma psicanálise extramuros a partir de um trabalho desenvolvido em uma comunidade do Rio de Janeiro. Para isso, a autora toma de empréstimo as contribuições teóricas do pediatra e psicanalista inglês Donald W. Winnicott. A violência e a vulnerabilidade no cuidado às quais as crianças estão submetidas as predispõe à vivência de uma tendência antissocial, ou seja, as falhas do cuidado durante a segunda fase do seu desenvolvimento. A partir do acolhimento clínico de crianças que participavam de um projeto social, foi possível propor uma luz no fim do túnel diante da situação de desamparo afetivo e social.

No capítulo vinte e dois, Ricardo Sibanto Simões apresenta as contribuições de Wilhelm Reich no que se refere à clínica a partir da análise do caráter. Como ele mesmo afirma, o livro

Análise do Caráter foi escrito com o objetivo de oferecer aos psicanalistas um conjunto de orientações técnicas para o manejo na clínica das neuroses em relação as vivências transferenciais e contratransferenciais.

No capítulo vinte e três, Solange Frid Patrício, a partir de uma perspectiva transdisciplinar e psicanalítica, analisa o lugar do bebê e de seus pais na clínica e no discurso social, concebendo o bebê como um sujeito ativo, interativo, interpretativo e inventivo. A autora sustenta a proposição de uma clínica mais específica e peculiar, que acolhe a criança como um ser falante e complexo. O analista, nesta perspectiva, precisa reconhecer, observar, escutar e interpretar o mundo pré-linguístico do bebê.

No capítulo vinte e quatro, Sueli Hisada apresenta os principais comprometimentos psíquicos ao tratar da clínica de adolescentes. Os adolescentes passam por transformações tanto no aspecto físico quanto no aspecto sexual e psicológico, muitas vezes, apresentando distúrbios alimentares ou de imagem corporal, como a anorexia e a bulimia, além da agressividade, do recurso à fantasia, da busca do *self*, crises religiosas, atividade social reivindicatória, ambiguidade e contradições, além da separação progressiva dos pais e flutuação do humor. Sem o cuidado necessário, a onipotência tende a dar lugar ao reconhecimento do limite, expondo os adolescentes à indiferença familiar, ao consumo de drogas e álcool, além do mal uso do sexo, dificultando o atendimento analítico no acolhimento dessas demandas.

Encerrando a segunda parte da nossa coletânea, no capítulo vinte e cinco, Thais Klein faz uma incursão sobre o conceito de narcisismo na obra de André Green, apresentando um pensamento clínico complexo e uma articulação dos conceitos de narcisismo de vida e narcisismo de morte.

Agradecemos aos *Cadernos Pagu* pela autorização de publicação do artigo de Berenice Bento para esta coletânea. Agradecemos à

Revista CEP de Porto Alegre, por ceder a publicação do artigo da Renata Udler Cromberg, assim como também agradecemos ao *Jornal de Psicanálise* pela publicação dos artigos de Teo Araújo e Gisele Senne de Moraes e aos *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, pela publicação do artigo, na íntegra, de Luis Cláudio Figueiredo.

Nossa grande estima a todos os profissionais que colaboraram conosco nos primeiros nove meses do período pandêmico, seja através de cursos, palestras, peça de teatro e do atendimento remoto às vítimas do Covid-19, assim como todos aqueles que acreditaram e acreditam no Instituto Nebulosa Marginal, principalmente aos nossos alunos e professores, que estiveram conosco ao longo do ano de 2020 e aqueles que passaram a integrar o nosso corpo docente e discente daí em diante.

Sergio Gomes e Rosa Lúcia Paiva

Março de 2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCHERIE, P. *Géographie du champs psychanalytique*. Paris: Navarin, 1988.

COELHO JÚNIOR, N. E. Usos da percepção na psicanálise contemporânea. *Percurso*, 23(2), 1999, p. 99-106.

FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JÚNIOR, N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2018.

FIGUEIREDO, L. C. Presença, implicação e reserva In: FIGUEIREDO, L.C. & COELHO JÚNIOR, N. E. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2008, p. 13-54.

Copyright © 2022

Sergio Gomes e Rosa Lúcia Paiva

Todos os direitos desta edição reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora.

EDITORES

Sergio Gomes e Rosa Lúcia Paiva

REVISÃO TÉCNICA

Sergio Gomes

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Mariana Teixeira Figueiredo

Débora Campos Figueiredo

GERENTE COMERCIAL

Bruno Ricardo Gomes de Araújo

SECRETARIA

Nawana Taranto

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Christovam de Chevalier

PROJETO GRÁFICO

Dupla Design

Coleção Berggasse 19

Estudos Psicanalíticos

DIRETOR CIENTÍFICO

Sergio Gomes

CONSULTORES

Cristiana Pondê, Daniel Kupperman, Daniel Schor, Elisa Maria de Ulhoa Cintra, Eugênio Canesin Dal Molin, Fátima Flório, Gustavo Dean-Gomes, Lucas Charafeddine Bulamah, Neyza Prochet, Renata Udler Cromberg e Thais Klein

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

**Nebulosa marginal : teoria e clínica / organização
Sergio Gomes, Rosa Lúcia Paiva. -- 1. ed. --
Rio de Janeiro : INM Editora, 2022.**

ISBN 978-65-995450-2-3

448 p. : 14 x 21 cm

1. COVID-19 - Pandemia 2. Psicanálise
3. Psicologia I. Gomes, Sergio. II. Paiva,
Rosa Lúcia.

22-111366

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



INM Editora

Avenida Pasteur, 184/1003
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
22290-240
(21) 97372-6671
contato@inmeditora.com.br
www.inmeditora.com.br



O Instituto *Nebulosa Marginal* surgiu a partir da leitura de *Géographie du champ psychanalytique* de Paul Bercherie, no qual o autor faz um mapeamento do pensamento pós-freudiano, dividindo-o em quatro vertentes teórico-clínicas: as duas primeiras, as chamadas Psicologia do Ego e a corrente kleiniana, foram denominadas de psicanálise ortodoxa; a psicanálise lacaniana foi a terceira vertente e, por fim, um quarto grupo, classificado de psicanálise heterodoxa, foi denominado pelo psicanalista húngaro Michael Balint de “*a nebulosa marginal*”. Assim, o nome do nosso Instituto é uma síntese da nossa identidade. Entre as marcas da “*nebulosa marginal*” estão a preocupação em aprofundar a eficácia terapêutica da psicanálise e a busca por estender seu campo de atuação, garantindo uma maior elasticidade da técnica psicanalítica, mesmo que isto implique em transgredir as regras da técnica freudiana. Desse modo, a escuta do analista passa a ser menos neutra para ser mais participativa, deixa de ser menos passiva para ser mais ativa, a contratransferência já não é mais uma dimensão perigosa a ser domada, mas um valioso guia e o verdadeiro elemento condutor do processo terapêutico, aliás, como sempre foi.



INM Editora